

PENSO, LOGO NÃO EXISTO: itinerários da razão em Sherlock e Aza Holmes

Felipe Evangelista

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

(felipeevangelista397@gmail.com)

Marcos de Carvalho

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

(marcos.carvalho@unifal-mg.edu.br)

Resumo

Este trabalho investiga, no livro *Tartarugas até lá embaixo* (2017), de John Green, a relação da personagem Aza Holmes com o detetive Sherlock Holmes criado por Sir Arthur Conan Doyle. A interação entre as duas personagens é percebida por meio da percepção distinta de cada um deles sobre a ligação da razão com a identidade individual. Para explicitar essa diferença, Sherlock Holmes é visto como representação do sujeito iluminista e Aza, por outro lado, exposta como pós-moderna. Hall (2006), Maffesoli (2021) e Lyotard (1988) são os principais teóricos usados para entender a pós-modernidade, a descentralização do sujeito e o questionamento da racionalidade idealizada pelos iluministas. As ideias de António Damásio (2011), propostas no livro *O erro de Descartes* (1988), sobre o equívoco cartesiano ao separar o corpo e a mente, conseqüentemente, a razão e a emoção, permitem a contraposição entre as duas personagens Holmes. Por fim, conclui-se que Sherlock se apresenta como detetive por se ver como racional, já Aza interage na investigação para se enxergar como indivíduo na interação com as pessoas da sua “tribo”.

Palavras-chave: Holmes. Identidade. Razão. Pós-modernidade.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Felipe Evangelista Aparecido

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Alfenas (2021). Está cursando História e Mestrado Profissional em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas.



<http://lattes.cnpq.br/7507713131734870>



<https://orcid.org/0000-0001-6890-2383>

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Marcos de Carvalho

Pós-Doutor (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015). Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007) e Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2006). Mestre em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000). Especialista em Ensino Universitário pela Universidade Castelo Branco-RJ. Possui graduação em Letras - Português-Espanhol (FEUC - 1998) e em Odontologia (UNINCOR - 1988). Foi secretário de educação e cultura da cidade de Alfenas-MG e professor adjunto de Filosofia, História e Antropologia da Educação na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Professor Associado I do Curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).



<http://lattes.cnpq.br/4929494162765039>

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

PENSO, LOGO NÃO EXISTO: Itinerários da razão em Sherlock e Aza Holmes

Felipe Evangelista

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
(felipeevangelista397@gmail.com)

Marcos de Carvalho

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
(marcos.carvalho@unifal-mg.edu.br)

1 Introdução

É inegável a importância de Sherlock Holmes no contexto da literatura policial. Tão grande esta importância, que seria possível afirmar que Holmes imortalizou a figura arquetípica do *detetive pensador*. Quer dizer, para ele a cena do crime se apresenta como um típico objeto científico, passível de ser dissecado, estudado e recomposto para se chegar, cartesianamente, ao criminoso. Não por outro motivo, este estudo tem como ponto de partida pensar a personagem icônica criada por Arthur Conan Doyle sob o prisma das influências racionalistas que recebeu do Iluminismo e do aflorar da Modernidade.

É fato que a caracterização do detetive pensador foi, com o tempo, incorporando novos perfis e ganhando novos matizes, mas preservando, em grande medida, as estratégias da razão como caminho para se desvendar o crime. Um bom exemplo é o do detetive monge William de Baskerville, de *O Nome da Rosa* (1985), a quem Umberto Eco, em pleno século XX, empresta ares sherlockianos.

Mas nem tudo orbita a razão. Há que se levar em conta que os ideais racionais e iluministas que influenciaram no surgimento do Romance Policial moderno e na popularidade de Holmes estão sendo questionados e ressignificados nesta que se convencionou chamar de

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Pós-modernidade. Teóricos de renome como Jean-François Lyotard (1988), Stuart Hall (2006) e Michel Maffesoli (2021) identificam mudanças profundas no tecido social e cultural da contemporaneidade e, conseqüentemente, deixam aberta uma nova via para se pensar o romance policial.

Considerando essa questão, o livro *Tartarugas até lá embaixo* (2017) de John Green torna-se a escolha para um estudo comparado com o modelo preconizado por Edgar Allan Poe e sacramentado desde a criação de Sherlock. O que diferencia o romance de Green é que ele se distancia tanto da exaltação da razão e da configuração do sujeito ideal dos iluministas quanto de ser uma reutilização direta do personagem famoso, mas apresentando um indício de conexão com o romance de Conan Doyle ao nomear a personagem principal com o mesmo sobrenome de Sherlock, Aza Holmes.

O itinerário proposto para este estudo tem como primeiro movimento o exame da identidade e das ideias de Sherlock como representativas do imaginário iluminista. Isso será feito no capítulo “Sherlock Holmes: sujeito iluminista?”. Em seguida, a proposta é investigar as relações da personalidade de Aza Holmes com a descentralização pós-moderna, o que se intenta no capítulo “Tartarugas até lá embaixo e a pós-modernidade”.

Convém explicar que o estudo aqui delineado não se propõe comparar o livro *Tartarugas até lá embaixo* (2017) com algum livro específico de Doyle, em que Sherlock seja personagem. A comparação se dará entre o livro de John Green, por um lado, e, por outro, a caracterização de Sherlock Holmes como personagem arquetípica, o que demandou a pesquisa em mais de um livro ou narrativa.

Quanto ao referencial teórico de que se lançou mão para realizar o estudo, destacam-se obras de Stuart Hall; Jean-François Lyotard; Michel Maffesoli e António Damásio. Em Stuart Hall (2006), buscou-se a reflexão sobre o sujeito cartesiano e os seus descentramentos, presente em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006). A leitura do livro *O pós-moderno* (1988) de Lyotard ajudou a perceber a relação do desencantamento do sujeito pós-moderno em relação às grandes narrativas. Michel Maffesoli, em *O theatrum mundi pós-moderno* (2021), contribuiu para a delimitação da situação identitária do sujeito pós-moderno. Fora da bibliografia pós-moderna, António Damásio, em *O erro de Descartes* (2011), foi crucial para entender como se estabelece a relação cartesiana com a mente.

2 SHERLOCK HOLMES: SUJEITO ILUMINISTA?

A frase de Michel Maffesoli (2021, p. 129), “A cultura heroica, própria ao modelo moderno repousa sobre a concepção de indivíduo ativo, ‘mestre de si’, dominando-se e dominando a natureza” (MAFFESOLI, 2021, p. 129), sintetiza as ideias que foram exaltadas pelo Iluminismo para a formação da identidade. Tal movimento ocorreu no século XVIII, tendo como um dos principais objetivos promover o avanço da racionalidade, levando a luz da verdade filosófica para a sociedade europeia que estava imersa na religiosidade e superstição. A

influência iluminista deu-se em várias áreas do conhecimento, como ciências, política, economia e, até mesmo, a literatura.

Passados alguns séculos do Iluminismo e do início do culto à racionalidade, e como estamos inseridos numa sociedade ainda influenciada por essa visão de mundo, pode ser difícil perceber o quanto as ideias propugnadas e os eventos que ocorreram serviram para a construção de uma narrativa que nos direcionam, tanto ao moldar o nosso olhar para lidar com a estranheza das coisas que nos rodeiam, quanto para conhecer o estranho que nós somos.

No contexto da influência iluminista na literatura, encontramos no Romance Policial um gênero literário que exaltou a racionalidade e a concepção de um sujeito ideal, parecido com os cientistas e filósofos iluministas. Sherlock Holmes pode ser visto como uma simbolização arquetípica do sujeito iluminista, dos cientistas que acreditavam que a razão era a salvação das trevas vindas da ignorância e da desordem. Criada por Sir Arthur Conan Doyle, a personagem tornou-se representação da racionalidade, enquanto o autor, por ser ligado ao Ocultismo e ao Espiritismo, era visto com algum receio pelos próprios fãs das suas obras detetivescas.

O arquétipo da personagem inteligente, racional, metódica, ao lado de um companheiro ignorante e emocional, mas que o auxilia ao ouvir passivamente as longas deduções, não foi inventado por Conan Doyle. Este apenas popularizou as características que tinham ganhado formas mais nítidas com a publicação de “Assassinato na rua Morgue” de Edgar Allan Poe, no ano 1841.

Por muitos anos, a figura racional que investiga crimes obscuros seguiu apenas mudando de nome, mas permanecendo com a mesma essência. Houve mudanças com o surgimento do romance policial *noir*, popularizado nos Estados Unidos da América, com autores como Raymond Chandler e Dashiell Hammet. Esse subgênero coloca o detetive como um homem “durão”, não ligado à moral e separado dos criminosos apenas por uma linha tênue.

Com o passar do tempo, o Romance Policial se diversificou, tornando-se um aglomerado de subgêneros. A estrutura de Poe e Doyle foi usada, esgotada e modificada, mas as histórias de detetives continuaram sendo apreciadas por milhões de leitores, fomentando assim o mercado editorial, talvez tanto quanto os contos de Sherlock Holmes atraíam os leitores para a Revista Strand Magazine.

Para observar a representação de Sherlock Holmes como símbolo da mente racional, antes é preciso entender que os iluministas e os modernos viam a razão como a forma correta, nobre e pura de ver o mundo, pois, para eles, se considerava, segundo Alessandro Rocha (2010), que

todas as coisas são objetiváveis, tudo pode ser dissecado como um cadáver sob a frieza do bisturi empunhado pelas mãos discursivas dos proponentes da verdade, que desencantando o mundo, podem manipulá-lo a fim de produzir o desenvolvimento tão alardeado, bem como para dar manutenção ao ideal do progresso. O resultado prático dessa matriz da racionalidade – racionalismo – é ambíguo: se por um lado não se pode negar os avanços da ciência e da técnica e, com ele, a melhoria de vida de enormes porções da população mundial; por outro, os profundos traços da devastação da natureza, da especialização

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

fragmentadora do conhecimento e da existência humana e, a coisificação das relações inter-humanas e inter-criaturais (ROCHA, *Do racionalismo ao raciovitalismo: Os caminhos da razão na pós-modernidade*, Synesis, v. 2, n. 2, 2010, p. 6).

Como se percebe, a racionalidade, tão prezada pelos modernos, começou a ser colocada em dúvida, conseqüentemente a crença na ciência como a salvadora do mundo passou a ser enxergada como um discurso, e não como uma verdade absoluta.

Para entender esse processo de dúvida em relação ao racionalismo, é crucial voltar a atenção para as ideias levantadas por teóricos que se adentram na perspectiva pós-moderna. A racionalização do mundo pelos iluministas e modernos é vista como uma das grandes metanarrativas pelo filósofo francês Jean Lyotard (1988), um dos importantes nomes ligados aos estudos da chamada pós-modernidade.

Assim como o marxismo ou outra grande “narrativa”, a razão, vista como o bem supremo, junto à crença de que a ciência moderna iria salvar o mundo de todos os males, é observada como parte de uma “visão totalizante” do mundo e da história, de acordo com o olhar de Lyotard (1988). Ele observa que

A ciência, para o filósofo moderno, herdeiro do iluminismo, era vista como algo auto-referente, ou seja, existia e se renovava incessantemente com base em si mesma. Em outras palavras, era vista como atividade “nobre”, “desinteressada”, sem finalidade preestabelecida, sendo que sua função primordial era romper com o mundo das “trevas” mundo do senso comum e das crenças tradicionais, contribuindo assim para o desenvolvimento moral e espiritual da nação (LYOTARD, 1988, p. ix)

Tendo em vista essa noção de mundo e de sujeito iluminista, voltamos a atenção para o famoso detetive inglês. Sherlock Holmes é apresentado detalhadamente por seu amigo John Watson no livro *Um estudo em Vermelho*, publicado em 1887, pela *Revista Beeton's Christmas Annual*. A aproximação entre Sherlock e Watson, relatada no livro, traz importantes pistas sobre como a racionalidade é uma questão primordial para a personagem de Doyle. No primeiro capítulo, ao voltar para Londres, Watson procura um companheiro para morarem juntos. Seu amigo Stamford conta que conhece outra pessoa que também estava procurando alguém para dividir um apartamento. Mas Stanford aconselha-o a não aceitar a proposta, pois o outro sujeito, que é Sherlock Holmes, apresentava alguns comportamentos estranhos.

A ressalva de Stanford é explicada pela dedicação de Sherlock Holmes à sua profissão. Ele coloca a ciência acima das necessidades das outras pessoas e até de si mesmo. O valor que Sherlock Holmes atribui à razão parece ser um sintoma de como era vista a ciência no século XIX. Segundo Bassani (1997, p.63), “a ciência possuía na modernidade o mesmo valor que era atribuído à religião durante a Idade Média” (BASSANI, 1997).

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Tal receio de Stanford em relação a Sherlock pode ser visto neste trecho de diálogo com o Dr. Watson:

“Não é fácil exprimir o inexprimível”, respondeu ele, rindo. “Holmes é **um pouco científico demais para o meu gosto...** chega quase a ser **desalmado**. Eu poderia imaginá-lo dando a um amigo uma pitadinha do mais recente alcaloide vegetal, não por maldade, veja bem, mas simplesmente **movido por espírito investigativo, para ter uma ideia precisa dos efeitos**. Para lhe fazer justiça, acho que **ele mesmo o tomaria com igual prontidão. Parece ter paixão por conhecimento certo e exato.** (DOYLE, 2009, p.13, grifo nosso)”

Sabe-se que Sir Arthur Conan Doyle se inspirou no Dr. Joseph Bell, seu professor na universidade de medicina, ao elaborar o personagem Sherlock Holmes. O autor via no seu mestre as características nobres que o detetive apresenta. A capacidade de observar os detalhes, deduzindo e elaborando questões, era rotineira nas aulas de Bell, o que deixava os seus alunos, especialmente Doyle, entusiasmados (PELOGGIA, 2015, p. 34-35).

Talvez, a admiração de Watson por Sherlock esteja relacionada com o seu entusiasmo pela ciência, lembrando que ele é médico. Sherlock Holmes também age, à sua maneira, como um médico. Sua ação racional se dá por meio de análises detalhadas, deste modo os problemas obscuros que os seus clientes lhe apresentam, são trazidos à luz e, com os recursos da ciência investigativa, podem ser compreendidos. É o uso da ciência para esclarecer as anomalias, no caso do médico, as doenças, no de Sherlock, os crimes.

Os modernos iluministas acreditavam que o mundo poderia ser colocado à prova, para então encontrar e observar a mecânica universal, ou seja, eles viam o mundo como uma máquina. A ilusão era a de que a ciência iria encontrar as regras que regiam todas as coisas.

Essa ideia pode ser encontrada na descrição incrédula do Dr. Watson acerca da obra “*O livro da vida*”, que ele logo descobriria ser da autoria do seu novo companheiro de apartamento, Sherlock Holmes. Mesmo sendo conhecido por ser ingênuo, o Dr. Watson se mostra cético em relação ao texto. O artigo de Sherlock trata de uma possível Ciência da Dedução:

O título era ambicioso _ “O livro da vida” _ e o artigo busca demonstrar o quanto um bom **observador pode aprender como o exame sistemático e preciso** de tudo que aparece à sua frente. Aquilo tudo me pareceu como uma **incrível mistura de astúcia e absurdos**. A argumentação era forte e consistente, mas as deduções me pareceram ir exageradamente, longe demais. O autor dizia ser capaz de penetrar profundamente nos pensamentos mais íntimos de uma pessoa por meio de uma expressão fugaz, uma contração muscular ou um relance de olhar. De acordo com ele, **seria impossível enganar alguém treinado em observação e análise**. Suas conclusões seriam **tão infalíveis quanto muitas das proposições de Euclides**. Os resultados obtidos por tal

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

peessoa seriam tão estarrecedores que os não iniciados nesses estudos julgariam que ela tem poderes mediúnicos. (DOYLE, 2009, p. 21, grifo nosso).

Perceba-se que, segundo a proposição de Sherlock Holmes, o estudo da ciência da dedução permitiria ao indivíduo olhar o mundo de forma racional, entender a mecanicidade da natureza e, se o homem faz parte da natureza, logo a perspectiva com que se vê o mundo poderia ser usada para tentar enxergar a si mesmo, ou seja, a razão seria o caminho para o autoconhecimento.

O “método sherlockiano” não parece distante de outro método, que foi estabelecido ainda nos primórdios da ciência moderna por René Descartes, pensador francês nascido em 1596. Descartes via o indivíduo como uma mente pensante que possuía uma extensão, ou seja, o corpo, este sim pertencendo ao mundo sensível e sendo uma máquina. Para chegar ao conhecimento de alguma verdade incontestável, o filósofo desconsiderou os sentidos, pois eles são gerados pelo corpo (que pertence ao mundo das coisas) e podem ser enganosos. Então, a mente estaria na condição de alcançar a compreensão da realidade, ao contrário do corpo, que sofria alterações da percepção devido aos estímulos provocados.

Seguindo essa linha de pensamento, a reflexão de Descartes (1996), no livro *Discurso do Método* (1996), prescreve que a verdade incontestável da realidade está no ato de pensar e duvidar, ou seja, a prova de que “eu” existo é o meu próprio pensamento que está duvidando sobre isso, logo, alguma coisa “eu sou”: “Porém, logo em seguida, percebi que, ao mesmo tempo em que eu queria pensar que tudo era falso, fazia-se necessário que eu, que pensava, fosse alguma coisa” (DESCARTES, 1996, p 38.)

Fica nítida nessa reflexão de Descartes (1996) a dualidade entre o corpo (percepções dos sentidos) e a mente, característica marcante do pensamento moderno. Assim como várias religiões, inclusive o cristianismo, apresentam uma dicotomia entre corpo e espírito, a filosofia moderna teria nascido com a premissa da separação entre o corpo e “outra parte” semelhante ao “espírito”, que é superior, neste caso, a mente.

por isso reconheci que eu era uma substância cuja única essência ou natureza é pensar, e que, para existir não necessita de nenhum lugar nem depende de coisa alguma material. De sorte que este “eu”, isto é, a alma pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo, e até mais fácil de conhecer do que ele, e mesmo se o corpo não existisse, ela não deixaria de tudo o que é (DESCARTES, 1996, p. 39)

Como um bom racionalista, Sherlock Holmes segue esse ponto de vista, privilegiando a mente (na próxima citação, ele cita o cérebro, que faz parte do corpo, mas, obviamente, pode estar ligado à ideia de mente), vendo-a como superior e considerando o seu corpo como um acessório. Assim como nas religiões que prezam pelo espírito em contraposição

ao corpo, ao exaltar o “eu-pensante além do corpo” que se fortifica ao se livrar da influência corporal, visto como animalesca, Sherlock Holmes também mortifica o seu corpo, para alcançar o ideal de uma mente afiada e potente.

“Mas por que não comer?”

“Porque nossas faculdades se refinam quando as deixamos à míngua. Ora, sem dúvida, como médico, você tem de admitir, meu caro Watson, que o que nossa digestão ganha em matéria de suprimento de sangue significa uma perda correspondente para o cérebro. Eu sou um cérebro, Watson. O resto de mim é um mero apêndice. Portanto, é o cérebro que devo considerar. (DOYLE, 2016, p. 71)

O jejum, o silêncio e a reclusão no escuro podem ajudar o indivíduo a perceber detalhes despercebidos da realidade, segundo Aldous Huxley (2002). Este, autor de *As portas da percepção e Céu e inferno* (2002) afirma que esses condicionamentos produzem um efeito no cérebro, semelhante ao uso da mescalina, pois, possivelmente, reduzem a interferência de algumas enzimas que direcionam o cérebro para a sobrevivência no ambiente, assim o direcionando para focar em detalhes que são não considerados como úteis para a sobrevivência do corpo.

Essa redução do que podemos chamar de eficiência biológica do cérebro parece permitir o acesso de certas classes de acontecimentos mentais ao consciente, acontecimentos esses que são normalmente eliminados por não possuírem valor, do ponto de vista da sobrevivência. Intrusões semelhantes de material biologicamente destituído de importância, porém de interesse estético e, por vezes, de grande valor espiritual, podem dar-se em razão de doenças ou fadiga. Isso também pode suceder como decorrência do jejum ou de um período de reclusão em meio à escuridão e a um completo silêncio (HUXLEY, Aldous. *As portas da percepção e Céu e inferno*. 2002, p. 52)

Sherlock Holmes não usava apenas do jejum, do silêncio e da escuridão para chegar à elevação da mente, ele também consumia cocaína. Como mostra o trecho a seguir, antes de ser advertido dos efeitos colaterais pelo amigo Watson:

“O que é hoje” – perguntei – “morfina ou cocaína?”

Ele ergueu os olhos languidamente do velho volume em caracteres góticos que abrisse.

“É cocaína” disse “em solução de 7%. Gostaria de experimentar?”

“Em absoluto” – respondi asperamente. – Minha constituição ainda não se recuperou da campanha afegã. Não posso me permitir impor-lhe nenhum esforço extra.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Ele sorriu da minha veemência e disse: “Talvez você tenha razão, Watson. Suponho que a influência física dela seja má. **Considero-a, contudo, tão transcendentalmente estimulante e aclaradora para a mente que não dou muita importância a seus efeitos secundários**” (DOYLE, 2010, p. 12, grifo nosso).

Como mostrado, para seguir um ideal iluminista, de uma racionalidade acima dos sentidos, Sherlock Holmes suprime o seu corpo, com a ajuda de jejum e cocaína. Ele adentra a si mesmo para chegar à verdade vinda da pureza da mente, que não pode ser alcançada pelo “tolo” que acumula coisas que não são objetivas no seu “sótão” limitado (DOYLE, 2009). Sherlock Holmes considera-se ser o senhor, ou mesmo dono da sua mente, que ele compara a um sótão, que pode ser ocupado por aquilo que ele deseja:

“Veja”, ele explicou, “considero que o cérebro de um homem é, originalmente, como um sótão vazio, sendo necessário armazenar nele os objetos que escolhemos. Um tolo entope seu sótão com todo tipo de bobagem que encontra. Assim, o conhecimento que realmente lhe pode ser útil fica preso, ou na melhor das hipóteses, fica embolado com outras coisas, de modo que é difícil acessá-lo. Agora, o homem habilidoso tem muito cuidado com o que coloca no seu sótão cerebral. Ele não armazena a não ser ferramentas úteis ao seu trabalho que são em grande número e estão perfeitamente organizadas. É um erro pensar que essa pequena sala tem paredes elásticas e pode se estender indefinidamente. Assim, chega o momento que para adicionar qualquer conhecimento novo, deve-se esquecer algo que já se saiba. É da maior importância, portanto, não ter fatos inúteis atravancando aqueles que são úteis (DOYLE, 2009, p. 19)

Ao contrário de Sherlock, o seu amigo Dr. Watson, mesmo sendo um médico aparentemente impressionado pela ciência, ainda se permite ser guiado pelos sentidos e pela emoção, como acontece ao se apaixonar por Mary Morstan, no segundo livro do detetive, título de *O signo dos Quatro* (2010). Após contar que estava noivo para o amigo, John Watson não recebe uma felicitação, mas é advertido, mesmo que Holmes confesse que já esperava por isso. Sherlock revela que esse seu julgamento não é pela escolha da noiva, pois ele considera a futura esposa de Watson como uma das mulheres mais encantadoras que já conheceu, então ele explicita o seu descontentamento: “Mas o amor é uma coisa emocional, e tudo que é emocional é oposto àquela fria e verdadeira razão, que eu ponho acima de todas as coisas. Eu nunca me casaria, para não distorcer o meu tirocínio” (DOYLE, 2010, p. 176-177).

Se Sherlock Holmes casou e teve as suas habilidades distorcidas, não foi relatado no cânone, mas a razão, vista do modo iluminista e moderno, como a frieza que permitia ver a verdade foi colocada em uma série de questionamentos por estudos sobre a pós-modernidade, como mostrado no livro *O pós-moderno* (1988) de Jean François Lyotard e *A identidade Cultural na pós-modernidade* (2006) de Stuart Hall. Diante do questionamento da metanarrativa iluminista e dos descentramentos do sujeito moderno, estamos fragmentados, indecisos,

duvidando, questionando o discurso da ciência como a salvadora do mundo e nos perguntando se devemos aceitar sermos iluminados pela razão extrema.

Foi dito que Sherlock Holmes pode ser visto como um arquétipo dos iluministas, fundamentais para a formação da Modernidade. Seria interessante a reutilização do seu arquétipo-detetive no tempo atual na Pós-modernidade? O “detetive pensante” tão próprio do Romance Policial teria mudado devido às mudanças provocadas pela descentralização do sujeito pós-moderno? Tendo em vista essas questões, torna-se importante a comparação de obras atuais que tenham ligações aos elementos do pensamento pós-moderno ao mostrar personagens descentralizadas do arquétipo popularizado por meio de Sherlock Holmes.

3 Tartarugas até lá embaixo e a pós-modernidade

É sabido que “a imagem de Sherlock como epítome da aplicação da racionalidade e do método científico ao comportamento humano é, certamente, um fator fundamental do talento do detetive para conquistar a imaginação do mundo” (TRUZZI, 1992, p. 59). Mas é interessante que, na maioria das reescritas de Sherlock Holmes, como no livro *Uma solução sete por cento* (1975) de Nicholas Meyer, ou mesmo na paródia *O xangô de Baker Street* (2006) do escritor brasileiro Jô Soares, tendem a criticar, duvidar e ironizar essa imagem racional

A obra literária *Tartarugas até lá embaixo* (2017), escrita por John Green, se destacou para essa comparação, pois não é uma reescrita de Sherlock Holmes, além de não ser considerado, pelo mercado editorial, como um livro pertencente ao gênero Romance Policial. A ligação intrínseca do livro de John Green com o Sherlock Holmes, explicitamente, é apenas a referência presente no sobrenome da personagem principal Aza Holmes, já a relação do livro americano com o romance policial é apenas a presença da investigação do desaparecimento de um bilionário.

Em uma entrevista ao *Washington post*, John Green confirma que o sobrenome de Aza Holmes é uma crítica, pois a sua personagem é obsessiva, assim como, segundo ele, Sherlock Holmes, mas a diferença dela é que o seu transtorno obsessivo não contribui para a investigação ao contrário do que acontece com o detetive criado por Sir Arthur Conan Doyle (GREEN, 2017b, online).

John Green usa o sobrenome “Holmes” na sua personagem Aza, mas ele não faz o comportamento dela e as suas características serem uma referência ao detetive inglês. Pelo contrário, apresenta Aza Holmes como um questionamento, sendo que o ele não explica isso no livro, apenas na entrevista. Tal decisão do autor, de não deixar explícita a referência, pode provocar duas reações diferentes no leitor, a primeira é o sobrenome não ser percebido como uma referência, a segunda é que durante a leitura da obra, o leitor, por ter consciência da referência, tenha certo estranhamento, pois existe uma dualidade entre o nome, que remete ao famoso detetive racional, e as características da personagem que se opõem ao arquétipo sherlockiano.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Esse estranhamento entre duas informações contraditórias para um mesmo ser pode ser entendido como ironia. Segundo o dicionário online Michaelis (2021, n.p), ironia pode ser classificada como:

Figura pela qual se faz uso de palavras que são o contrário do que realmente se quer dizer, geralmente para demonstrar humor, irritação ou aborrecimento; considerada uma das formas mais complexas de expressão literária, é tida não apenas como uma figura de linguagem ou de pensamento, mas um hábito mental que implica diversas nuances de significados simultâneos ou, ainda, múltiplos significados de uma afirmação ou de um comentário. (IRONIA. In. MICHAELIS. Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. Significado de Ironia. 2021, n.p)

A “ironia e a ambiguidade” são as formas que a pós-modernidade usa para olhar para o passado, como Linda Hutcheon (1991) afirma, ao refletir sobre a arquitetura, posteriormente, usando essa mesma visão para a literatura:

Com seu código duplo e duplamente paródico (isto é, como paródia do modernismo e também de algo mais), a arquitetura pós-modernista também possibilita aquilo que foi rejeitado, por ser incontrolável e ilusório, pelo Gesamtkünstler do modernismo e por seu "condicionador de vida": a ambigüidade e a ironia. (HUTCHEON, 1991, p. 51-52)

Ou seja, a ironia e a ambiguidade é o modo usado pelo pós-modernismo para nos mostrar aquilo que o Modernismo rejeitou por ser "incontrolável e ilusório". Assim, uma das abordagens ao analisar o livro *Tartarugas até lá embaixo* (2017) foi procurar elementos que se apresentam em uma “ironização” em relação ao sobrenome da personagem Aza Holmes. Assim, “ironização” em relação ao Sherlock Holmes, por parte do livro, e ao Modernismo, por parte da pós-modernidade, pode ser vista na obra *Tartarugas até lá embaixo* (2017) na observação dos desvios das características do sujeito ideal iluminista.

John Green é famoso pelo seu romance best-seller *A culpa é das estrelas* (2012), mas ele afirma que *Tartarugas até lá embaixo* (2017) é o seu livro mais pessoal, pois a personagem Aza Holmes, assim como ele, é diagnosticada com Transtorno Obsessivo Compulsivo (GREEN, 2017b, online). Mas a narradora não expressa esse nome do transtorno explicitamente pela sigla TOC, apesar de falar do seu transtorno ligado a obsessões e compulsões. A história é sobre a investigação do desaparecimento de um bilionário que estava sendo acusado de corrupção, mas o sofrimento mental do personagem ocupa o foco da obra.

O próprio título *Tartarugas até lá embaixo* permite uma análise. O livro apresenta o significado dessa expressão. Daisy, personagem que estaria no lugar de “Watson”, conta uma anedota sobre um cientista que, após palestrar sobre o surgimento do mundo, dos seres vivos e da

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

complexidade do mundo, permite que a plateia faça perguntas. Dentre as pessoas que quiseram se expressar, tinha uma “senhora”. Esta disse que “Isso tudo é muito bonito, senhor cientista, mas a verdade é que a Terra é uma superfície plana em cima do casco de uma tartaruga gigante.” (GREEN, 2017, p. 169). Então, o cientista perguntou sobre o que estava por baixo da tartaruga para a segurar, a “senhora” disse que tinha outra tartaruga. O cientista perguntou o que teria embaixo dessa outra tartaruga para servir de apoio, daí a “senhora” respondeu com, após apontar a ignorância do cientista, a frase que veio a ser o título do livro “O senhor não está entendendo. São tartarugas até lá embaixo.” (GREEN, 2017, p. 169).

Essa descrença da narrativa científica por parte da “senhora” que era adepta da ideia das infinitas tartarugas, de certa forma, resume a angústia do livro. Não é que a ciência e as suas pretensões de examinar e modificar o mundo com o auxílio da racionalidade estejam erradas, mas é que, apenas por si, o universo cartesiano não agrega sentido para as nossas perguntas existenciais. “Quem eu sou?” “O que é o mundo e a realidade?” “Qual é o propósito e significado de existir?” Indo mais além da anedota, no livro, a expressão “tartarugas até lá embaixo” não é apenas uma explicação para o universo, mas também para o indivíduo. Aza Holmes, personagem principal e narradora do livro conta como se enxerga:

Quando procuro o que eu sou, nunca encontro. Como as matrioskas, aquelas bonecas russas, sabe? As bonecas são ocas e, quando abrimos uma delas, tem outra boneca menor dentro, e assim por diante, todas ocas até a menor delas, que é sólida. Só que dentro de mim... acho que não existe a última. Só bonecas ocas, uma menor que a outra. (GREEN, 2017, p. 168).

Essas incertezas diante do mundo e a recusa de procurar nas narrativas existentes a solução completa para o saber pode ser relacionada com o que o filósofo francês Jean-François Lyotard apontou como a condição pós-moderna: “Simplificando ao extremo, considera-se “pós-moderna” a incredulidade em relação aos metarrelatos.” (LYOTARD, 1988, p.xvi). Precisamente a situação narrada na anedota trata-se da questão conflituosa entre a legitimação do saber e o poder das narrativas. Por um lado, o cientista fala de um conhecimento “aprovado” dentro das regras da ciência, com base em evidências e estudos sobre o assunto, ou seja, ele tem na sua palestra uma certa “legitimação”, por outro lado, a “senhora”, que acreditava na teoria das tartarugas infinitas que apoiavam a terra sobre o casco de uma primeira, tinha uma narrativa que não foi posta em análise de verificação, mas que, mesmo assim, pode apresentar um sentido.

Diante do conhecimento legitimado (sobre o “eu” e o “mundo”), Aza Holmes tem uma angústia existencial por se ver sem sentido (isso será mostrado de maneira detalhada nesta análise). Partindo das ideias de Lyotard (1988) esse descontentamento poderia ser, mesmo que de forma ligeira, sentir falta de um mito ou uma narrativa que desse algum sentido para a vida. Exemplo de uma narrativa que guiava os indivíduos por meio de sentido é a própria busca da verdade pelos iluministas e modernos que se legitimaram pelo bem maior que esse conhecimento puro vindo da racionalidade e do desenvolvimento traria a todos. Mas que, com as complicações de uma

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

deslegitimação dessa visão iluminista dentro do jogo da linguagem devido à falta de um sentido nobre e da incapacidade de *narrar* o mundo de modo racional que traga uma explicação totalizante, os indivíduos, assim como a personagem Aza Holmes, podem se angustiar diante da decepção, mas “lamentar-se sobre ‘a perda do sentido’ na pós-modernidade seria deplorar que o saber não seja mais principalmente narrativo.” (LYOTARD, 1988, p. 49).

Essa questão da deslegitimação da narrativa iluminista e moderna que via a ciência como a salvadora das trevas será discutida novamente neste texto. Mas antes de partir para a análise da obra *“Tartarugas até lá embaixo”* é necessário discorrer brevemente sobre os descentramentos do sujeito pós-moderno. Para esse intuito, é interessante partir da proposta de Stuart Hall sobre os descentramentos pós-modernos presente no seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006).

Para focar nos descentramentos do sujeito moderno é importante entender, primeiramente, o que seria a concepção de sujeito que moldou a modernidade e quais seriam as suas características. Stuart Hall (2006) mostra que o Sujeito do Iluminismo era “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2006, p. 10). Tal visão do ser humano ocorreu após o homem ser colocado no centro do mundo pelo Renascimento e Humanismo dos séculos XVI e XVIII, respectivamente, mas é importante lembrar que a influência da Reforma Protestante que, de certa forma, colocou o indivíduo como um ser supostamente capaz de interpretar e se ligar ao divino, o que antes era feito pela Igreja Católica. Antes dessa ascensão do indivíduo, o olhar se dirigia para o divino (e o próprio “secular” era um oposto que fazia parte da grande narrativa religiosa), que legitimava a vivência a partir da submissão às forças sociais e naturais.

Mas com a elevação do indivíduo para o centro da visão do mundo, a pergunta existencial “Quem eu sou?” foi respondida por intermédio da idealização da racionalidade humana. O sujeito da modernidade se identificava como um ser dotado da capacidade de usar a razão. Por um lado, racionalidade seria o seu diferencial em relação aos animais, por outro lado, aos dogmáticos religiosos. Livres das amarras da crença e da emoção animal, o indivíduo moderno se tornou um sujeito que era senhor de si mesmo e capaz de compreender por meio da lógica a natureza ao seu redor. A formação da concepção de um sujeito racional foi gerada a partir de algumas novas percepções do ser humano, da sociedade e do mundo, como “O livre-arbítrio introduzido pela Reforma, Descartes e seu ego pensante, o sujeito autônomo das Luzes, eis aqui, ao lado de vários outros, as grandes etapas que tornam o indivíduo o mestre e possuidor de si mesmo e da natureza” (MAFFESOLI, 2021, p. 17).

O descentramento do sujeito cartesiano se deu, segundo Hall (2006), por meio de cinco eventos que colocaram em dúvida a visão racional do indivíduo moderno. O primeiro descentramento seria as novas leituras da obra de Karl Marx que interpretavam o pensador socialista como um formulador da percepção de que o ser humano é incapaz de agir ativamente na história já que se pode agir apenas agir apenas “com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores” (HALL, 2006, p. 34-35). O segundo descentramento apontado por Hall

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

(2006) é a apresentação do inconsciente por Sigmund Freud, este defendia a ideia de que o ser humano não tem inteira consciência de si mesmo, mas que age segundo uma parte que lhe é oculta “que funciona de acordo com uma ‘lógica’ muito diferente daquela da Razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada - o "penso, logo existo", do sujeito de Descartes” (HALL, 2006, p. 36). O terceiro deslocamento é a afirmação do linguista Ferdinand Saussure de que “nós não somos, em nenhum sentido, os "autores" das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua” (HALL, 2006 p. 40). Já que os pensamentos e o raciocínio acontecem na linguagem, essa ideia coloca em questionamento a soberania da nossa individualidade e capacidade de pensar racionalmente. O quarto descentramento é a apresentação do “poder disciplinar” por Michel Foucault. Este afirmava que o indivíduo está exposto diante de forças ligadas ao poder que servem para discipliná-lo, por intermédio de lugares de vigilância e punição “seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX e que "policiam" e disciplinam as populações modernas - oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, clínicas (Hall, 2006, p. 42)”. O último descentramento está relacionado com os movimentos feministas (e, de certo modo, a outros grupos identitários, por exemplo, negros, estrangeiros, homossexuais, lésbicas etc.) que, além de questionar sobre o “papel” do gênero e questionar a visão masculina e patriarcal da história, também trouxe reflexões sobre o que seria “privado” e “público”, “subjetividade” e outras questões antes eram ignoradas, deixadas de lado, mas que passaram a ser colocada em discussão (HALL, 2006, p. 45).

Já tendo refletido sobre o Sujeito Iluminista e o Sujeito Pós-moderno pode-se iniciar a análise do livro *Tartarugas até lá embaixo* (2017). Aza Holmes, a narradora da obra, começa o livro de uma maneira interessante que sintetiza o seu sofrimento exposto ao decorrer da história. É possível partir do primeiro parágrafo da narrativa para uma análise do próprio livro, considerando a questão da “mente” e relações com que na pós-modernidade se convencionou chamar de “descentramentos”. A análise da obra *Tartarugas até lá embaixo* (2017) partirá desse parágrafo para o livro como um todo.

Quando me dei conta pela primeira vez de que eu talvez fosse fictícia, meus dias úteis eram passados numa escola na região norte da cidade de Indianápolis, chamada White River High School, onde forças maiores que eu — tão maiores que eu nem saberia por onde começar a identificá-las — delimitavam meu almoço a um intervalo de tempo determinado, entre 12h37 e 13h14. Se essas forças tivessem optado por um horário diferente, ou se meus colegas de mesa que ajudaram a escrever meu destino houvessem escolhido um assunto diferente para conversar naquele dia de setembro, minha história teria tido um fim diferente — ou ao menos um meio diferente. Mas eu estava começando a entender que a vida é uma história que contam sobre nós, não uma história que escolhemos contar. (...) A gente finge ser o autor, claro. Não tem outro jeito [...] A gente acha que é o pintor, mas é a tela. (Green, 2017, p. 9)”.

Como o leitor descobre, ao prosseguir a leitura, esse dilema existencial traz angústia para Aza, contribuindo para um transtorno mental que se manifesta por obsessões e compulsões, provocando incapacidade e estranhamento ao lidar com o mundo. Apesar de ser um transtorno, o sofrimento mental da personagem é algo que faz o leitor se identificar, devido às questões existenciais intrínsecas a ele. Se não causasse compulsões e sofrimento, as obsessões da personagem poderiam ser apenas reflexões filosóficas. Questões sobre a vida, como a dúvida da realidade (que lembra Descartes), a incapacidade de pensar e agir segundo a própria vontade (que Freud relacionou ao inconsciente), a pequenez do indivíduo diante das forças maiores (Foucault chama descreve sobre os poderes dominadores que domesticam os seres humanos), entre outras questões tão próprias da discussão sobre a pós-modernidade (HALL, 2006), fazem parte, nessa obra, de um transtorno mental que prejudica a vida da personagem Aza Holmes diante da perplexidade da existência.

A narradora começa, como se percebe, lembrando da primeira vez que teve um estranhamento com a sua existência, duvidando da sua realidade, se ela existia ou se era fictícia. Posteriormente, essa dúvida se envolve com a seguinte questão: se os “meus” pensamentos não são “eu”, o que o “eu” enquanto indivíduo seria? Ou seja, é relativamente uma contraposição ao “*Penso, logo existo!*” de Descartes.

A personagem Aza Holmes sofre desse questionamento sobre a realidade do seu ser e do mundo. Esse sofrimento pode ser visto detalhadamente no capítulo treze, que Aza narra a sua consulta com a terapeuta Dra. Karen Singh. Esta percebe o medo da paciente e pergunta sobre qual seria o seu temor, Aza responde “— Sinto que sou uma ficção — confessei (GREEN, 2017, p. 156)”.

Ficção, a palavra que Aza Holmes escolhe para se descrever, significa, segundo o dicionário online Priberam (2021): “Ato ou efeito de fingir. = DISSIMULAÇÃO, FINGIMENTO 2. Invenção fabulosa ou engenhosa. (FICÇÃO. In: PRIBERAM, 2021, n.p)”. O que Aza estaria pressupondo ao identificar a sua identidade como um “fingimento” e “invenção fabulosa”?

Para aprofundar nessa questão de identidade ou, especificamente, de conflito de identidade, pode-se voltar à perspectiva da pós-modernidade para entender a visão dos sujeitos após os descentramentos:

Dentro de nós as identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortável “narrativa do eu.” (HALL, 2006, p.13).

A “narrativa do eu” seria como uma mini narrativa, dentro das grandes metanarrativas, que pode nos guiar, oferecer conforto e nos ajudar a enfrentar o estranhamento do mundo e de nos ver como algo “verossímil”. Aza Holmes chama essa “narrativa do eu” de “ficção”. Esta definição “ficção” significa, na visão da personagem Aza, que ao tentar colocar ordem no caos da sua relação

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

com o mundo, o seu corpo poderia ter criado uma consciência falsa (ela mesma). Essa ideia pode ser entendida na frase expressa por Aza “a gente pensa ser o pintor, mas é a tela” (GREEN, 2017, p. 9). Aza acredita que a sua personalidade pode ser fictícia, já que, na verdade, o seu “eu” apenas se remete aos resultados de circunstâncias exteriores e interiores.

Observe a obsessão da personagem pela questão da realidade do “eu” no diálogo com a sua terapeuta:

- O que eu quero saber é: existe um “eu” que não depende das circunstâncias? Será que existe, lá no fundo, um eu que é uma pessoa real, uma pessoa de verdade, tendo dinheiro ou não, tendo namorado ou não, estudando nessa ou naquela escola? Ou será que eu não passo de um conjunto de circunstâncias?
- Não estou conseguindo acompanhar: como isso a tornaria uma pessoa fictícia?
- Estou tentando dizer que, se eu não controlo meus pensamentos, eles não são realmente meus. Eu não decido se estou suando, ou se tenho câncer, ou se tenho a C. diff, ou o que for, portanto meu corpo também não é realmente meu. Não tenho escolha em nada disso... São forças externas que decidem por mim. Eu sou uma história contada por essas forças externas. Sou circunstancial. (GREEN, 2017, p.157).

O “eu” é um fingimento “meu” ou “algo” está fingindo existir sendo “eu”? A fala da personagem Aza Holmes sobre a sua falta de controle e conhecimento sobre si mesma remete a ideia, já discutida no capítulo anterior, sobre a separação, feita por Descartes, da mente e do corpo. Aza está em dúvida sobre essa relação, a sua mente e o seu corpo são unificados ou a sua mente tem uma superioridade sobre o corpo? Quando a jovem personagem considera que a sua mente pode ser o produto do seu corpo, ela chega a uma dúvida que está ligada ao seu sofrimento causado por seu transtorno mental: se não é possível ter conhecimento e controle sobre o complexidade do corpo, logo, a mente, como o seu produto, também não é algo propriamente do controle, nem do conhecimento do indivíduo. Por outro lado, quando Aza considera a hipótese de existir uma mente “sua” sendo capaz de ser autônoma, ela logo descarta a ideia por causa da sua impotência diante dos pensamentos que a oprimem, pois logo percebe que “A gente acha que é o pintor, mas é a tela (GREEN, 2017, p. 9)”.

Para entender a perspectiva da mente não ser autônoma e entender como isso pode complicar a percepção do ser como indivíduo é interessante se atentar aos pensamentos da personagem Aza Holmes. Ao expor a sua dúvida da realidade do seu ser e da relação entre corpo e mente, Aza usa o exemplo de um parasita chamado de *Diplostomum pseudospathaceum* que apresenta uma característica interessante relacionada ao nascimento e reprodução. Esse parasita se reproduz dentro do estômago do pássaro (após ele comer um peixe que tenha o parasita), mas cresce dentro do olho do peixe (após o pássaro defecar na água). O que chama atenção é que os peixes normalmente nadam no fundo do ambiente aquático, mas quando o parasita, que está dentro dele, estiver pronto para reproduzir, então o peixe vai para a superfície ficando fácil dos

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

pássaros se alimentar deles e dar continuidade no ciclo de vida do parasita *Diplostomum pseudospathaceum*. Assim, Aza se pergunta se ela, enquanto “eu”, não seria uma falsa percepção da realidade, como uma ficção, uma história (narrativa motivadora) que é contada para ela, se ela não seria como o peixe. Em um momento de crise, ela afirma: “Eu era o peixe, infectado por um parasita, nadando próximo à superfície, querendo ser devorada” (GREEN, 2017, p. 126).

Durante uma sessão de terapia, a própria Aza Holmes chega a questionar a doutora sobre Descartes e o seu “penso, logo existo”.

— Você dá poder demais aos seus pensamentos, Aza. São apenas pensamentos. Eles não são você. Você pertence a si mesma, mesmo quando seus pensamentos não pertencem.

— Mas os nossos pensamentos somos nós. Penso, logo existo, não é assim?

— Na verdade, não. Uma demonstração completa da filosofia de Descartes seria: Dubito, ergo cogito, ergo sum. “Duvido, logo penso, logo existo.” Descartes queria descobrir se era realmente possível saber se determinada coisa é real, mas acreditava que duvidar da realidade já era uma prova de que, enquanto a realidade talvez não fosse real, ele era. Você é uma pessoa de verdade tanto quanto qualquer outra, e suas dúvidas a tornam ainda mais real, não menos. (GREEN, 2017, p.158).

A resposta da Dr. Singh, terapeuta de Aza Holmes, apesar de ter explicado sobre Descartes, não conseguiu abranger a questão entre o sofrimento de Aza e a filosofia cartesiana. A questão é sobre a relação entre a mente e o corpo, mais especificamente, sobre a visão do filósofo sobre a mente com algo superior ao corpo, autônoma e podendo existir fora do corpo do indivíduo. Tal ideia que tem uma confrontação com o pensamento de Aza sobre o “eu” como uma ficção do corpo diante do mundo exterior. Para René Descartes (1996), no seu *Discurso do método* (1996) a mente “é a alma por meio da qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e é ainda mais fácil de conhecer do que ele, e, ainda se o corpo não existisse, ela não deixaria de tudo o que é (DESCARTES, 1996, p 39)”.

António Damásio, médico neurocientista português, escreveu um livro intitulado *O erro de Descartes* (2011), que trata sobre a relação entre corpo e mente. O autor acredita que Descartes errou ao ver a mente como algo independente do corpo e não como algo intrínseco a ele.

É este o erro de Descartes: a separação abissal entre o corpo e a mente, entre a substância corporal, infinitamente divisível, com volume, com dimensões e com um funcionamento mecânico, de um lado, e a substância mental, indivisível, sem volume, sem dimensões e intangível, de outro; a sugestão de que o raciocínio, o juízo moral e o sofrimento adveniente da dor física ou agitação emocional poderiam existir independentemente do corpo. Especificamente: a separação das operações mais refinadas da mente, para um lado, e da estrutura e funcionamento do organismo biológico, para o outro. (DAMÁSIO, 2011, p. 280).

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Então, ao considerar a ideia de Damásio (2011) sobre a “mente” como algo intrínseco ao corpo do indivíduo, tendo a sua formação ao longo da evolução, pode-se entender que Aza Holmes estava correta ao se ver como um “produto do corpo” e não como alguém que é plenamente capaz de escolher pensamentos e tomar decisões baseadas apenas na nobre razão.

que a compreensão cabal da mente humana requer a adoção de uma perspectiva do organismo; **que não só a mente tem de passar de um cogitum não físico para o domínio do tecido biológico**, como deve também ser relacionada com todo o organismo que possui cérebro e corpo integrados e que se encontra plenamente interativo com um meio ambiente físico e social. (DAMÁSIO, 2011, p. 280-281, grifo nosso)

Qual seria a implicação desse deslocamento da mente, de algo que está além do corpo para uma mente que, de certa forma é a consciência do corpo, para o conceito de indivíduo? Bem, para Aza, esse deslocamento provoca, exatamente, o seu sofrimento existencial. Pode-se verificar isso ao perceber a reação dela diante de um texto sobre a relação entre o intestino e a mente.

Em determinado momento, esbarrei com este trecho: “O cérebro dos mamíferos recebe um fluxo constante de informações interoceptivas do trato gastrointestinal. Então as combina a outras informações interoceptivas do organismo e a informações do ambiente para, então, mandar uma resposta integrada às células-alvo do trato gastrointestinal, pelo que é comumente chamado de ‘eixo cérebro-intestino’, mas pode ser melhor descrito como ‘ciclo cérebro-intestino’.” Sabia que aquele não era o tipo de texto que invocaria pavor em pessoas normais, mas me deixou paralisada de medo. Ali estava escrito que minhas bactérias afetavam meus pensamentos — talvez não diretamente, mas através das informações que as bactérias faziam meu sistema gastrointestinal mandar para o cérebro. Talvez você nem esteja pensando esse pensamento. Talvez seu pensar esteja infeccionado. Eu não deveria ter lido aqueles artigos. Deveria ter ido dormir. Tarde demais. (GREEN, 2017, p.196)

“Tarde demais” não é uma expressão exagerada, pois ao ler esse artigo na internet, Aza Holmes entra em uma espiral de obsessão e compulsão que muda o rumo da sua vida e do enredo do livro. Ela começa a tomar álcool antisséptico para matar as bactérias que poderiam estar no seu intestino comandando os seus pensamentos “Mas as bactérias podem se comunicar com seu cérebro. ELAS podem dizer ao seu cérebro o que pensar, e você, não. Então, quem está no comando aqui? Para, por favor” (GREEN, 2017, p, 197). Para que o leitor possa acompanhar o conflito mental (espiral) da personagem, a narrativa dos seus pensamentos varia entre “eu”, “Você”, “eles”, “ela” e

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

“nós”: “Você é um nós. Você é um você. Você é um ela, um eles. Meu reino por um eu” (GREEN, 2017, p. 198).

Essa instabilidade mental provoca uma série de eventos que culminam em um acidente de carro, fazendo com que Aza seja levada para o lugar que mais temia: o hospital. Lá, novamente, ela ingere o gel antisséptico que deveria ser usado para as mãos, no entanto, ela toma mais do que na primeira vez, o que coloca em risco a sua vida por estar lecionada no fígado devido ao acidente de automóvel. Nesse momento ao ingerir o álcool em gel ocorre o fluxo de consciência dramático da narrativa.

É o único jeito isso é burrice se funcionasse alcoólatras seriam as pessoas mais saudáveis do mundo você só precisa desinfetar as mãos e a boca por favor pensa em qualquer outra merda levanta ODEIO ESTAR PRESA DENTRO DE VOCÊ você sou eu não sou você somos nós não sou você quer se sentir melhor você sabe o que precisa fazer isso só vai me fazer vomitar você vai ficar limpa pode ter certeza eu nunca tenho certeza levanta não é nem uma pessoa é uma linha de raciocínio cheia de falhas levanta logo, você sabe que quer fazer isso a médica me mandou repousar e a última coisa que eu preciso no momento é de uma cirurgia você vai se levantar e empurrar o suporte do soro me tire dessa empurra o suporte até a porta do quarto por favor e aperta o recipiente para cair um pouco do gel antisséptico, limpa com cuidado, depois aperta de novo para cair mais, passa nas mãos, coloca na boca, bochecha e passa nos seus dentes e nas suas gengivas imundas. Mas esse negócio tem álcool que meu fígado já lesionado vai ter que processar VOCÊ QUER MORRER DE INFECÇÃO? não mas isso não é racional ENTÃO LEVANTA E EMPURRA O MALDITO SUPORTE DO SORO ATÉ O RECIPIENTE NA PAREDE SUA RETARDADA. Por favor, me deixa em paz. Faça qualquer coisa. Eu me retiro. Pode ficar. Não quero mais este corpo. Você vai se levantar. Não vou. Sou eu que estou no comando, não as minhas vontades. Você vai se levantar. Por favor. Vai até o antisséptico. Agora. **Penso, logo não existo.** Estou suando você já se contaminou como isso dói você já está contaminada para por favor para você nunca vai ficar livre você nunca vai ficar livre você nunca vai ter a si mesma de volta você nunca vai ter a si mesma de volta você quer morrer disso? você quer morrer disso? porque você vai você vai você vai você vai você vai você vai. (GREEN, 2017, p. 213-214, grifo nosso em negrito, destaque em letra maiúscula é do autor.)

Esse fluxo de consciência descrito pela narradora Aza Holmes parece ser um conflito entre o “eu” consciente com o “eu” impulsivo do inconsciente, do “eu” cartesiano com o “eu” animalístico supostamente comandado por fatores da relação organismo-ambiente. O “eu” que Aza temia toma o comando do seu outro “eu” que temia essa tirania. Ao utilizar a expressão “Penso, logo não existo (GREEN, 2017, p. 214)”, Aza mostra, de uma maneira sintética, o medo relacionado com sua falta de comando sobre os pensamentos, ou seja, se a origem e o direcionamento dos

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

pensamentos não são do comando do “eu”, mas de outros fatores, logo aquilo que se entende de “eu” é uma ficção.

Como já foi dito, a narradora Aza Holmes é diagnosticada com transtorno que provoca na sua mente obsessões e compulsões. Ela tem medo de ser contaminada por uma bactéria conhecida como *Clostridium difficile*. Para aliviar sua mente, Aza realiza alguns rituais. Como trocar constantemente o *band-aid* da ferida que ela mesma conserva sem cicatrizar desde que era criança, ao apertar o dedo para isso de alguma forma lhe permite a certeza de que existe. Por outro lado, como já foi mostrado no capítulo anterior, Sherlock Holmes acredita que o cérebro humano é semelhante a um sótão. O tolo colocaria várias coisas desnecessárias que o prejudica, mas o sábio “Só acolhe as ferramentas que podem ajudá-lo a realizar seu trabalho [...], e tudo disposto na mais perfeita ordem.” (DOYLE, 2010, p. 35). Sherlock Holmes representa o sujeito moderno com fortes influências do Iluminismo, ou seja, ele é o ápice da razão, que por meio da mente consegue colocar ordem em si mesmo. Mas, Aza Holmes é a representação do sujeito que se afastou do “centro” da suposta racionalidade que era pregada. Ela vive em uma perspectiva pós-moderna e reconhece o fato de que o indivíduo não consegue controlar a sua própria mente.

Desde pequena eu tenho a mania de apertar a ponta do dedo médio com a unha do polegar direito, o que me rendeu um calo esquisito bem na digital. Depois de tantos anos fazendo isso, consigo abrir um talho na pele com muita facilidade, então estou sempre com um *band-aid* no dedo para não infeccionar. Só que às vezes me vem o medo de que o corte já esteja infeccionado. Nesses momentos, concluo que preciso drená-lo, e que o único jeito de fazer isso é reabrir o corte e espremer o sangue. Depois que essa ideia surge, eu não consigo não fazer isso. Perdão pela dupla negativa, mas é uma verdadeira situação de negação em dobro, um dilema em que negar a negação é de fato a única escapatória. Enfim: naquele momento, comecei a sentir a necessidade de forçar a unha do polegar na pele do dedo, e eu sabia que era mais ou menos inútil resistir, então escondi a mão embaixo da mesa, tirei o *band-aid* e cravei a unha do polegar na pele caalejada do dedo médio até sentir o corte abrir (GREEN, 2017, p. 13).

A narradora está dominada por impulsos e obsessões do inconsciente que ela mesma se julga incapaz de revidar. A teoria de Freud de que existe algo além da consciência que nos molda e guia é o segundo descentramento do sujeito moderno defendido por Stuart Hall (2006). Freud (2010) acreditava que não somos inteiramente conscientes dos nossos processos psíquicos que direcionam nossas percepções e expressões de desejos, da sexualidade, dos medos, dos impulsos e da própria visão de identidade (que é formada a partir do “outro” conforme será mostrado ainda neste capítulo). Mas, segundo ele, somos regidos por construções mentais provenientes do inconsciente. Assim, colocando em dúvida a nossa racionalidade e a capacidade de sermos senhores na nossa própria mente: “O eu não é senhor da própria casa.” (FREUD, 2010, p. 186). Esta citação se liga, de maneira antagônica, à ideia de Sherlock Holmes sobre o sótão cerebral. Considerando a

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

posição do pai da psicanálise, abre-se um questionamento de que não possuímos uma identidade racional conforme era requerida para o sujeito moderno.

A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma "lógica" muito diferente daquela da Razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada - o "penso, logo existo", do sujeito de Descartes. (HALL, Stuart. 2006, p.36).

O ato de Aza Holmes de apertar repetidamente o dedo e não deixar uma ferida se cicatrizar, sempre a reabrindo é uma compulsão ligada ao seu medo de não ser real. Ela explica: "toda vez que me vinha o medo de não ser real eu cravava a unha na pele e sentia a dor, e por um segundo eu pensava: "É claro que sou real." Mas o peixe sente dor, essa é a questão" (GREEN, 2017, p. 104).

O terceiro descentramento que Stuart Hall (2006) identificou na morte do sujeito cartesiano foi as ideias do linguista Ferdinand Saussure sobre a língua. A contribuição do linguista para essa questão foi ao perceber "que nós não somos, em nenhum sentido, os 'autores' das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua" (HALL, 2006, p. 40). Trazendo esse descentramento para a análise do livro de Green (2017), pode-se perceber uma ligação entre o sofrimento de Aza e a sua incapacidade de expressá-lo. Aza Holmes tenta expressar a sua dor em uma metáfora para a sua terapeuta, essa, a dra. Singh comenta sobre a dor: "Não temos como representá-la como fazemos com uma mesa ou um corpo. De certo modo, a dor é o oposto da linguagem" (GREEN, 2017, p. 88).

Talvez a dificuldade de Aza em conseguir definir o seu eu (que acarreta o seu medo de que ele não seja real) seja uma impossibilidade linguística "O ser é tão dependente da linguagem que, até certo ponto, não conseguimos entender o que não podemos nomear. Por isso presumimos que as coisas sem nome não são reais" (GREEN, 2017, p. 89). Mesmo quando consegue nomear, os significados não são fixos "E o termo maluco chega até nós sem nem um pingote de terror e da preocupação que dominam você" (GREEN, 2017, p. 89). Isso acontece devido ao significado "que surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com as outras palavras no interior do código da língua" (HALL, 2006, p. 40).

Voltando ao parágrafo inicial da obra, Aza, discute sobre forças superiores que organizam e fiscalizam a vida das pessoas. No seu caso, é a escola, que decide qual é o horário das refeições, quando tempo deve durar o intervalo e qual deve ser a comida oferecida. Ela observa de uma maneira sucinta que mesmo uma refeição no colégio era organizada por "forças maiores que eu — tão maiores que eu nem saberia por onde começá-las. [...] Se essas forças tivessem optado por um horário diferente [...] minha história teria tido um fim diferente" (Green, 2017, p. 10).

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Aza compara o controle das escolas com as características das prisões, após a apresentação dessa ideia por sua mãe, elas conversam sobre as semelhanças dessas duas forças que controlam os indivíduos, no caso das escolas, os estudantes, no caso da prisão, os presos: “— Ai, meu Deus, você tem toda razão, mãe! Os detectores de metal... Os muros altos (...) E nos dois há sirenes indicando o que fazer. (...)— E ninguém escolhe quando vai almoçar” (GREEN, 2017, p.17).

De uma maneira velada, a narrativa de Aza Holmes mostra essas forças controladoras do indivíduo em diversos momentos. Um deles é quando Mychal, amigo de Holmes, faz um projeto de arte visual, que seria a composição da imagem (montagem) de um presidiário chamado “Preso 101” feita pela junção de uma série de cem fotografias de presos que depois vieram a ser inocentados. Isso serviria, nas palavras da personagem Daisy, para mostrar a relação das “etnias, classes sociais e a questão do encarceramento em massa” (GREEN, 2017 p. 12)”.

A ideia de Aza Holmes de que somos a “tela” de uma pintura feita, entre outros fatores, por forças externas pode ser percebida na sua afirmação sobre a relação entre aluno e escola: “Quando as entidades superiores fazem tocar aquele sinal monótono exatamente às 12h37, você pensa: Agora eu decido ir almoçar, mas na verdade é o sinal que decide. A gente acha que é o pintor, mas é a tela” (GREEN, 2017, p. 9). Pode-se perceber a obra de arte, “o preso 101” de Mychal, como uma analogia à impotência do “eu” diante das forças externas. Pode-se captar a semelhança da montagem de fotografias “Preso 101” com a visão de “eu” de Aza. Esta, ao olhar a obra de arte, reconhece que o “indivíduo” resultado montagem parecia ser real como qualquer outra pessoa ao ser fotografada, “mas era feito de pedaços de uma centena de fotos de homens condenados injustamente por assassinato e depois libertados. Mesmo bem de perto, eu não conseguia ter certeza de que o Preso 101 não era uma pessoa” (GREEN, 2017, p. 241).

Essa percepção da narrativa de *Tartarugas até lá embaixo* em relação às forças externas que controlam o “eu” e de certa forma podem interferir na vida do indivíduo e nas suas vontades parece relacionar-se, ao mesmo tempo, com dois descentramentos apontados por Stuart Hall no seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006). Ou seja, no primeiro contato, com o quarto deslocamento do sujeito cartesiano que seria as ideias de Michel Foucault sobre o “poder disciplinar”, que regula e vigia as sociedades em geral, com foco também no indivíduo, “com o objetivo de ‘policiar e disciplinar’. Exemplos desses poderes são as escolas, hospitais e clínicas etc” (HALL, 2006, p. 41-42). Depois, ao decorrer da própria crítica da narradora ao se referir às forças e circunstâncias que mudaram a sua vida, percebe-se que se intertextualiza também com o primeiro descentramento defendido por Hall (2006): as novas interpretações das obras de Marx. A nova leitura entendeu que “os indivíduos não poderiam de maneira alguma ser os autores ou agentes da história, uma vez que eles poderiam agir apenas com base nas condições históricas criadas por outros.” (HALL, Stuart. 2006, p. 34-35).

A ironia pode ser vista, considerando a perspectiva desses dois descentramentos e na concepção de um “eu” ficção de Holmes, na solução sugerida pela médica “dra. Singh em seu consultório sem janelas no imenso North Hospital da Universidade de Indiana, em Carmel” (GREEN, 2017, p. 89). Após Aza Holmes explicitar o seu sofrimento vindo da visão de que “Tenho a sensação de que não sou o motorista do ônibus da minha consciência (GREEN, 2017, p.89”, a médica da clínica

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

recomenda medicamento para “controlar” esses pensamentos e diminuir o sofrimento, o que, de certo modo, poderia ser uma confirmação da suspeita de Aza sobre a sua consciência:

Se um remédio deixa a pessoa tão diferente, se a transforma tão profundamente... É uma ideia meio bizarra, entende? Quem está decidindo o que eu sou: eu mesma ou os funcionários do laboratório que produz o Lexapro? É como se tivesse um demônio dentro de mim, e eu quero muito que ele vá embora, mas a ideia de expulsá-lo com remédios é... não sei... esquisita. Mas tem muitos dias em que supero isso e tomo mesmo assim, porque realmente odeio o demônio (GREEN, 2017, p. 89)

Pensando nos descentramentos de Stuart Hall (2006), o feminismo é dos mais fáceis de perceber em *Tartarugas até lá embaixo* (2017). Este livro apresenta como mulher, tanto a personagem Holmes quanto à personagem “melhor amiga” que “ocupa” o lugar de Watson, Daisy. Mas isso não foi problematizado no livro de forma incisiva, apenas em situações periféricas. Por exemplo, quando Daisy está discutindo por mensagem com um leitor que se queixa de uma fanfic que ela escreveu sobre Star Wars, ela comenta com a Aza: “Ninguém reclama de machos humanos se relacionando com fêmeas Twi’leks! Porque é claro que homens podem transar com o que bem entenderem. Mas uma humana se apaixonar por um Wookiee, Deus me livre!” (GREEN, 2017, p. 53).

Outro ponto é que, como explica Hall (2006), uma das colaborações do feminismo foi a discussão e relativização do que era “privado” ou “público”. Tomando essa ideia de uma mudança do olhar sobre o que seria privado ou público por uma perspectiva simbólica, e talvez exagerada, pode-se perceber que a narrativa de Aza Holmes sobre si mesma pode ser vista, em paralelo com o olhar de Watson sobre Sherlock, como uma tentativa de “tornar público”, no sentido de ser falado, algo que antes era privado e pessoal. A mulher representada como detetive simboliza a presença dos vários aspectos que antes eram rejeitados pela visão racional dos iluministas e pelo próprio Sherlock Holmes.

Tendo discutido sobre o questionamento da mente cartesiana e os descentramentos do Sujeito do Iluminismo resta discutir brevemente sobre quais seriam as implicações desses deslocamentos dentro do gênero Romance policial, principalmente, em relação ao detetive Sherlock Holmes.

Enquanto Sherlock Holmes atuava tendo em vista uma perspectiva mecânica do mundo e de si, Aza Holmes lida com a investigação em um universo caótico, fragmentado, sem sentido. Sherlock via a sua investigação como um exercício mental para o uso da razão, o que lhe trazia entusiasmo para encarar o mundo e não ceder ao seu vício pelo uso de drogas. Aza começa a investigar após ouvir a notícia no rádio que não mudava de estação, “o sistema de som imperfeito de Harold veio a ser a última nota na melodia de coincidências que mudou minha vida” (GREEN, 2017, p.19). Ela age não por vontade própria, mas para acompanhar a amiga Daisy e ganhar uma

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

recompensa de 100 mil dólares que seria entregue a quem ajudasse a encontrar alguma pista sobre um milionário desaparecido. Mesmo sem “dom”, Aza encontra uma pista importante, mas resolve não entregá-la para a polícia após receber um suborno com o mesmo valor para ocultar a prova.

Sherlock Holmes, por ser racional, rejeita o amor romântico, já Aza não rejeita, mas não consegue se relacionar pelo medo de ser contaminada por meio do beijo e do contato com outra pessoa. Sherlock usa o seu trabalho investigativo para fugir da melancolia existencial, mas Aza, em contrapartida, não consegue escapar de si mesma, seja pela razão ou por medicamentos. Sherlock segue as pistas usando a lógica, já Aza resolve um mistério por “sorte” do caos, não por mérito próprio, mas graças ao acaso: “Sei que era para eu ser uma detetive brilhante, mas na verdade sou uma das pessoas menos observadoras que conheço. (GREEN, 2017, p. 96). Enfim, Sherlock guia a trama, remando para achar o culpado, Aza é levada à deriva, na dúvida de que ela mesmo exista ou de que o mundo é real, sendo levada, não relutante, mas sem entusiasmo para a investigação do desaparecimento de alguém que ela não fazia questão que fosse encontrado.

A trama policial de Tartarugas lá embaixo é sobre o desaparecimento do bilionário Russell Davis Pickett, que desapareceu após a polícia emitir uma ordem de prisão contra ele. Esse personagem é interessante, pois pode representar um “iluminismo” extremamente exagerado. Aza Holmes, por influência de Daisy, investiga o desaparecimento de Russell Davis. Este tinha a pretensão de encontrar uma solução para a morte ao investir em pesquisas científicas feitas em um animal réptil Tuatara. Ele investiu toda a sua fortuna na organização que estudava Tua, apelido do seu Tuatara, que ele mantinha em casa. Ao morrer, toda a fortuna de Russell seria destinada para a tal organização, deixando os seus dois filhos sem herança.

_ Sabe, meu pai fazia muitas atividades, mas não corria. Ele considera exercícios físicos irrelevantes, **porque Tua ainda vai revelar o segredo para a vida eterna.**

— Sério?

— Sim. Meu pai acredita que Malik vai conseguir **identificar um agente qualquer no sangue do tuatara que os faz envelhecer mais devagar e assim vai “curar a morte”** — explicou Davis, desenhando aspas no ar. — É por isso que no testamento ele deixa tudo para Tua... Meu pai acha que vai ser lembrado como **o homem que venceu a morte.** (GREEN, 2017, p. 105, grifo nosso).

Uma ironia que não pode ser ignorada é o desfecho do mistério do desaparecimento. Aza Holmes e Daisy vão participar da exposição alternativa de “O preso 101” do amigo Mychal em um túnel subterrâneo. Lá, elas resolvem dar um volta e deixar a exposição, mas ao passar por uma boca de corredor e sentir um cheiro ruim, além do que vinha do esgoto e dos ratos, Aza tem uma eureka, lembrando de uma pista, então supõe (e estava certa) que o fedor era do corpo do bilionário que teve o seu plano de eternidade frustrado por uma hipotermia enquanto se escondia da polícia em um túnel perto do esgoto da cidade.

Considerando que os descentramentos pós-modernos distancia Aza Holmes do ideal de “eu” cartesiano que ela parece desejar (sentir falta), torna-se relevante observar a questão da

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

identidade da personagem Aza Holmes. Esta percebe a consciência do seu corpo, o seu biológico, como um “não-eu”, por considerar que metade do corpo ser humano não é essencialmente “humano”. Ela também considera os seus pensamentos, por causa do seu transtorno mental, como uma ficção, um suposto “eu” que narra e pensa estar no comando. Portanto, Aza Holmes define a sua identidade, mesmo que receosa, já nos primeiros parágrafos do livro, ao afirmar que era alguém em relação ao outro “O meu papel naquela peça? Eu era A Coadjuvante. A Amiga de Daisy, ou A Filha da Professora Holmes. Sempre alguma coisa de alguém.” (GREEN, 2017, p. 11).

Visto isso, já pode-se assemelhar essa falta de um “eu”, enquanto indivíduo que se define em si mesmo, com a complexidade do pós-moderno descrito por Michel Maffesoli (2021):

O termo indivíduo, disse eu, não parece mais apropriado. Pelo menos, em seu sentido estrito. Talvez devêssemos falar, em relação a pós-modernidade, de uma pessoa (“persona”) desempenhando vários papéis no seio das tribos às quais ela adere. (MAFFESOLI, 2021, p. 24).

Assim como o Dr. Watson apresenta Sherlock Holmes para o mundo por intermédio dos seus escritos, Daisy Ramires apresenta Aza Holmes para a sociedade de duas formas distintas. Na primeira, Daisy é a responsável por tentar incluir Aza na convivência social, incluindo “a filha da professora Holmes” em “tribos maiores”. Já na segunda, Daisy apresenta Aza aos seus leitores de fanfics ao colocá-la como uma personagem chamada Ayala dentro de uma das suas histórias sobre o universo Star Wars. Transformar Aza em uma personagem foi a forma que Daisy encontrou para lidar com o sofrimento causado por ser sua amiga.

Ao se definir como “A Amiga de Daisy, ou A Filha da Professora Holmes” (GREEN, 2017, p. 11), Aza simboliza aspectos fundamentais para o entendimento da sua identidade. Aza recebeu o seu nome, pois o seu falecido pai (que não aparece na narrativa) o escolheu, pois “abarca todo o alfabeto, para que você saiba que pode ser quem você quiser” (GREEN, 2017, p. 31). Mas o sobrenome é passado para a filha, assim, por mais que Aza procure encontrar o seu “eu”, ela está condenada ao sobrenome Holmes. Este sobrenome que faz alusão ao famoso detetive racionalista junto a ser identificada como “Filha da Professora Holmes” que leciona matemática na escola, podem ser visto como uma “sombra” cartesiana que ela carrega após si, sem conseguir encontrá-la, mas também impossibilitada de desvincular.

Por outro lado, ser “A Amiga de Daisy” (GREEN, 2017, p. 11) pode ser observado como uma outra característica da identidade de Aza, que tem relação com a sua vivência social além da interação com sua mãe. Daisy inclui, ou tenta incluir, Aza ao contato com “tribos” que ela pertence. Maffesoli (2021) exemplifica as tribos pós-modernas : “Tribos religiosas, sexuais, culturais, esportivas, musicais, seu número é infinito, sua estrutura é idêntica: amparo, partilha de sentimentos, ambiência afetual” (MAFFESOLI, 2021, p. 22). De uma maneira sucinta, pode-se entender que a “tribo” que Daisy pertence e que leva consigo a Aza é a apreciação do universo de Star Wars, criado por George Lucas.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

No capítulo um, ao apresentar Daisy aos leitores, Aza conta que a amiga era aficionada por *Star Wars*, sendo apreciadora “não apenas dos filmes, mas também dos livros, das animações e do desenho infantil em que todos os personagens são de Lego. Tão fã que escrevia fanfics sobre a vida amorosa do Chewbacca. (GREEN, 2017, p 14)”. Na narrativa não se percebe referência direta à religião, filosofias ou outras possíveis identificações que guiem a vida das personagens mais do que *Star Wars*. Esta franquia pode ser vista sendo exaltada em vários momentos, como a Aza mesmo confessa “Daisy levava aquele negócio de *Star Wars* muito a sério.” (GREEN, 2017, p. 73). Davis, o filho do bilionário desaparecido e quase namorado de Aza, afirma entusiasmado durante uma conversa que “*Star Wars* é a religião oficial dos Estados Unidos” (GREEN, 2017, p. 73). Daisy participava ativamente da comunidade online de fãs de *Star Wars* “Daisy era uma escritora de fanfic de *Star Wars* mais ou menos famosa.” (GREEN, 2017, p. 73). Aliás, foi para esse público que Daisy inseriu em uma *fanfic* a sua amiga Aza, mostrando-a como uma pessoa egoísta.

Pode-se perceber que essa apreciação exagerada por *Star Wars* esconde uma necessidade ou saudade daquilo que fundamentava uma tribo, uma história que seja doadora de sentido:

mas o fato é que o sucesso de Harry Potter, do Senhor dos Anéis e da saga **Star Wars** ou dessas buscas do Graal pós-modernas, existem como pistas, das mais claras, da saturação pela obsessão de uma História final e segura dela mesma. De uma História que, tal como a marcha “royale” de um Progresso inelutável, partiu de um ponto obscuro da barbárie para chegar à luz brilhante de um futuro radioso. (MAFFESOLI, 2021, p. 35, grifo nosso).

Voltando às ideias de Stuart Hall (2006) sobre o sujeito pós-moderno, é possível enxergar uma semelhança de Aza Holmes com a definição “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (HALL, 2006, p. 13). Se Aza pode ser vista assim, por outro lado, Sherlock, desse ponto de vista, teria sobre si uma perspectiva iluminista que serviria como uma linha de disfarce para explicar e mascarar “as pontas soltas”. Como se a extrema melancolia, a repulsa à emoção e o seu próprio vício tivesse relação com o seu pensamento racional, ou seja, como se a extrema razão fosse intrinsecamente responsável por essas questões, mas Hall (2006) expõe que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2006, p. 13)”.

Conclusão

Após discorrer a análise sobre a configuração do personagem Sherlock Holmes como ideal iluminista, que exalta o sujeito racional que por meio da razão possibilita o domínio de si mesmo e do mundo, a mente-sótão sherlockiana tornou-se uma elementar pista da caracterização do sábio detetive. A percepção de Sherlock Holmes sobre a mente, que por elevá-la ao “eu” essencial, verdadeiro e superior e, conseqüentemente, vendo o corpo como um

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

simples “apêndice” se relaciona com as ideias René Descartes, considerado um dos principais pensadores da Modernidade, que pode ser entendida pela sua famosa frase “penso, logo existo”.

Para os dois racionalistas, o ato de pensar pode ser entendido como uma reflexão racional, ou seja, uma dedução lógica que permite ao sujeito ter a visão objetiva do mundo, ao contrário a impressão dos sentidos que pode estar ligada ao engano. Esse domínio do racional sobre o emocional parece ser o elemento básico para o Romance Policial clássico, assim como para a ciência moderna. A capacidade de escapar da fraqueza corporal e fortalecer a mente (ideia tão próxima da mortificação da carne para a purificação do espírito pregada por diversas religiões, como o cristianismo) é o que seduz em Sherlock Holmes.

Mas, Damásio (2011), após estudar a relação da mente com o corpo, sugeriu que Descartes teria cometido um erro ao separá-los e que, conseqüentemente, a humanidade tenha passado a sofrer desta dicotomia entre razão e emoção. Tendo em vista a implicação desse erro cartesiano na construção do “detetive pensador”, a pesquisa enxergou na personagem Aza Holmes, do livro *Tartarugas até lá embaixo* (2017) de John Green, o desencanto pós-moderno diante da narrativa iluminista e racionalista que legitimava a utopia sherlockiana.

Partindo da perspectiva de Lyotard (1988), no livro “O pós-moderno (1988)”, sobre o ceticismo diante das metanarrativas, que se viam como legitimadoras da verdade e do conhecimento, portanto capazes de narrar o mundo de maneira totalizante, foi possível perceber a descrença do livro de Green (2017) em relação à narrativa iluminista já na referência à anedota da “senhora” que contrapõe o discurso científico no próprio título “Tartarugas até lá embaixo”.

Mas, como foi visto, a descrença se estendeu ao enredo da história, a investigação não mostra o arquétipo iluminista de racionalidade na detetive Aza Holmes, mas sim na vítima-vilão, no bilionário corrupto desaparecido que dedicou todo o seu poder econômico em pesquisas científicas para “curar a morte” (e curiosamente acabou morto no esgoto da cidade durante a fuga). Por outro lado, Aza mesmo se reconhecia incapaz de ser uma detetive racional, mestre de si mesma e da natureza. Pelo contrário, ela não conseguia enxergar o seu próprio “eu”.

Stuart Hall (2006) foi extremamente útil para que a pesquisa conseguisse mapear o deslocamento da personagem Aza Holmes. Ao observar no livro *Tartarugas até lá embaixo* os descentramentos propostos por Hall (2006), no seu livro *A identidade cultural na pós modernidade*, especificamente no capítulo *Nascimento e morte do Sujeito pós-moderno: descentrando o sujeito*, ficou evidente a dissonância entre os dois Holmes, o Sherlock, como representante do ideal iluminista e Aza, com a feição de sujeito pós-moderno.

Considerando que a mente de Aza Holmes não é sherlockiana (nem se coaduna com o racionalismo de Descartes), o seu “eu”, por não ser superior ao corpo e à emoção (nem independente deles), não é racional. Mas, em contrapartida, seu “eu” também é indefinido intrinsecamente, ou seja, biologicamente. Os pensamentos enquanto consciência do corpo colocam a identidade dela em choque. Ela mesma afirma “Penso, logo não existo”, o “eu-sujeito” que não existe não é Aza enquanto pessoa, mas a concepção do indivíduo iluminista como sujeito ativo, controlador de si e da natureza.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Maffesoli (2021) foi de grande importância para que a identidade de Aza e a sua participação como investigadora pudessem ser entendidas. Ela não é detetive por ser racional, nem por achar que não ser racional ajudaria na compreensão do caso, mas seu intuito é interagir com as pessoas que são da sua “tribo” (ligada à cultura *nerd*) e assim, se reconhecer como indivíduo ao “desempenhar” esse papel. Segundo o olhar de Maffesoli (2021) “parece que o Indivíduo, a História e a Razão dão espaço, para o melhor e o pior, à fusão afetual encarnada no presente em torno de imagens comuns.” (MAFFESOLI, 2021, p. 24).

Portanto, Aza Holmes, mesmo atuando como detetive, não é um indivíduo dotado de razão e responsável pelo sôtão-mente, como é Sherlock Holmes. Ela não existe por pensar, mas pela interação com o outro, e isso obviamente não acontece de forma racional, mas emocional. Assim, se opondo ao “detetive pensante” do Romance policial clássico, expresso pelo Sherlock Holmes.

Referências

BASSANI, Paulo. **Ciência e Modernidade: A perspectiva dos movimentos sociais.** Revista Mediações, Londrina, v.2, n.2, p.63-68. Jul/dez. 1997 Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9357/0> Acesso em: 17 ago. 2021.

DAMÁSIO, António R. **O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano,** de António R. Damásio. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DESCARTES, René. **O discurso do método,** de René Descartes: tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins fontes, 1996.

DOYLE, Arthur Conan. **Histórias de Sherlock Holmes.** Arthur Conan Doyle: tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Clássicos Zahar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

DOYLE, Arthur Conan. **O signo dos quatro.** Arthur Conan Doyle: tradução de Maria Luiza X. de A. Borges Clássicos Zahar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DOYLE, Arthur Conan. **Um estudo em vermelho.** Arthur Conan Doyle: tradução Antonio Carlos Vilela. 2.ed. São Paulo: Editora Melhoramentos. 2009.

ECO, U. **O nome da rosa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

FICÇÃO. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. **Significado de ficção.** 2021 Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/fic%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 15 ago. 2021.

FREUD, Sigmund. **Obras completas (Vol. 14).** São Paulo: Companhia das Letras, 2010

GREEN, John. **Tartarugas até lá embaixo.** John Green, tradução de Ana Rodrigues - 1.ed- Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

_____. **John Green, de 'A Culpa é das Estrelas', volta com 'Tartarugas Até Lá Embaixo'** WASHINGTON POST: 02 Novembro, 2017b. Entrevista concedida para Mary Quattlebaum. Traduzida pelo Estadão por Claudia Bozzo. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,john-green-de-a-culpa-e-das-estrelas-volta-com-tartarugas-ate-la-embaixo,700020704>, 2017b. Acesso em: 14 ago. 2021.

IRONIA. In: MICHAELIS. **Dicionário brasileiro de língua portuguesa. Significado de ironia** Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ironia/> Acesso em: 15 ago. 2021.

HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**/ Linda Hutcheon; tradução Ricardo Cmz. - Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

HUXLEY, Aldous. **As portas da percepção e Céu e Inferno**, Aldous Huxley; tradução Osvaldo de Araujo Souza -2. ed- São Paulo: Globo, 2002.

LYOTARD, Jean-françois. **O pós-moderno**. Jean-François Lyotard. Tradução de Ricardo Correia Barbosa -3.ed- Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **O theatrum mundi pós-moderno: o jogo da vida, a vida como jogo** / Douglas Borges Candido, Fabiano Incerti, organizadores ; Michel Maffesoli; 2021: tradução e notas Eduardo Portanova Barros. -- Curitiba: PUC PRESS, 2021.

MEYER, Nicholas. **Uma solução sete por cento ou A volta e o Fim de Sherlock Holmes**. Rio de Janeiro: editora Artenova, 1975.

PELOGGIA, Goossens. Sherlock além da lógica. In: **Sherlock além da lógica e outros estudos e ensaios de psicanálise literária** / Alex Ubiratan Goossens Peloggia, Any Marise Ortega, (organizadores). -- 1. ed. -- São Paulo: Iglu, 2015. p.27-84.

ROCHA, Alessandro Rodrigues. Do racionalismo ao raciovitalismo: Os caminhos da razão na pós-modernidade, **Synesis**, v. 2, n. 2, p. 1, 2010 Disponível em <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/80> Acesso em: 17 ago. 2021.

SOARES, Jô. **O Xangô de Baker Street**. 1. ed. 1995. São Paulo: Companhia das Letras, 37. reimpressão, 2006.

TRUZZI, Marcelo. Sherlock Holmes: psicólogo social aplicado IN: Eco, U. , SEBEOK, T. A. (Orgs.) **O signo de três**. São Paulo: Perspectiva, 1983. p.59-88.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

I THINK, THEREFORE I DON'T EXIST: Itineraries of Reason in Sherlock and Aza Holmes

Felipe Evangelista

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
(felipeevangelista397@gmail.com)

Marcos de Carvalho

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
(marcos.carvalho@unifal-mg.edu.br)

Abstract

This paper investigates in John Green's *Turtles all the way Down* (2017) the relationship of the character Aza Holmes to the detective Sherlock Holmes created by Sir Arthur Conan Doyle. The interaction between the two characters is perceived through each of them' distinct perception of the connection of reason with individual identity. To make this difference explicit, Sherlock Holmes is seen as representing the Enlightenment subject and Aza, on the other hand, exposed as postmodern. Hall (2006), Maffesoli (2021) and Lyotard (1988) are the main theorists used to understand postmodernity, the decentralization of the subject and the questioning of the rationality idealized by the Enlightenment. The ideas of António Damásio (2011), proposed in the book *Descartes' Error* (1988), about the Cartesian equivocation in separating body and mind, consequently, reason and emotion, allow the contraposition between the two Holmes characters. Finally, it is concluded that Sherlock presents himself as a detective because he sees himself as rational, while Aza interacts in the investigation to see himself as an individual in the interaction with the people of his "tribe".

Keywords: Holmes. Identity. Reason. Post-modernity.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

PIENSO, LUEGO NO EXISTO: Itinerarios de la Razón en Sherlock y Aza Holmes

Felipe Evangelista

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

(felipeevangelista397@gmail.com)

Marcos de Carvalho

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

(marcos.carvalho@unifal-mg.edu.br)

Resumen

Este trabajo investiga en el libro *Mil veces hasta simples* (2017) de John Green la relación entre la personaje Aza Holmes con el detective Sherlock Holmes creado por Sir Arthur Conan Doyle. La interacción entre los dos personajes se percibe a través de la percepción distinta de cada uno de ellos sobre la conexión de la razón con la identidad individual. Para explicitar esta diferencia, Sherlock Holmes es visto como una representación del sujeto de la Ilustración y Aza, en cambio, expuesta como posmoderna. Hall (2006), Maffesoli (2021) y Lyotard (1988) son los principales teóricos utilizados para entender la posmodernidad, la descentralización del sujeto y el cuestionamiento de la racionalidad idealizada por la Ilustración. Las ideas de António Damásio (2011), propuestas en el libro *El error de Descartes* (1988), sobre el error cartesiano al separar el cuerpo y la mente, en consecuencia, la razón y la emoción, permiten el contraste entre los dos personajes de Holmes. Finalmente, se concluye que Sherlock se presenta como detective porque se ve a sí mismo como racional, mientras que Aza, por su parte, interactúa en la investigación para verse a sí misma como individuo en la interacción con la gente de su "tribu".

Palabras claves: Holmes. Identidad. Racionalidad. Posmodernidad.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-33	e022004	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------